

A ESCOLHA PELA PEDAGOGIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL NO INÍCIO DA CARREIRA: UM ESTUDO COM EGRESSAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Monise Clara Orso

Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim
moniseorso@hotmail.com

Ivone Maria Mendes Silva

Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim
ivone@uffs.edu.br

Lidiane Limana Puiati Pagliarin

Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim
lidiane.puiati@uffs.edu.br

Resumo

De forma geral, cada indivíduo possui em sua identidade profissional uma singularidade, que foi e está sendo construída mediante vivências particulares, mas também a partir de processos compartilhados na vida em sociedade. Por meio da presente pesquisa, foi investigado o que levou um grupo de pedagogas a escolherem esta profissão e de que forma percebem o processo de constituição de suas identidades profissionais. Para tanto, foram realizadas entrevistas com cinco egressas do curso de pedagogia de uma instituição pública, de ensino superior, localizada no interior do Rio Grande do Sul, Brasil. Dentre os resultados obtidos, constatou-se que os principais motivos que interferiram na escolha pelo curso foram a influência de familiares e outras pessoas significativas, o vínculo com as crianças, o interesse pela área da Educação que foi constituído durante a vida, bem como algumas características do curso pretendido e da universidade onde ele poderia ser cursado. Conclui-se que as identidades profissionais são construídas no decorrer da vida, mediante as interações sociais e os conhecimentos com os quais tem-se contato, podendo a formação universitária figurar como um marco relevante nesse processo. Com base nos relatos obtidos com as entrevistas e sua análise, pode-se afirmar que a universidade – tanto em suas possibilidades quanto em seus limites – forneceu elementos que auxiliaram a constituição das participantes da pesquisa enquanto



profissionais. Dentre esses elementos destacam-se, além do acesso a conhecimentos especializados, a experimentação de interações, espaços e tempos educativos ricos em aprendizagens significativas para esses sujeitos.

Palavras-chave: Escolha profissional; Identidade profissional; Pedagogia; Início da carreira; Formação de profissionais da educação.

Abstract

In general, each individual has in their professional identity a uniqueness that was and is being built through private experiences, but also from shared processes in life in society. Through this research, it was investigated what led a group of pedagogues to choose this profession, and how they perceive the process of constitution of their professional identities. To this end, interviews were conducted with five graduates of the Pedagogy course of a public higher education institution located in the interior of Rio Grande do Sul, Brazil. Among the results obtained, it was found that the main reasons that interfered with the choice of the course were the influence of family members and other significant people, the bond with the children, the interest in the area of education that was constituted during life, as well as some characteristics of the intended course and the university where it could be attended. It is concluded that professional identities are built throughout life through social interactions and knowledge with which one has contact, with university education being a relevant milestone in this process, but not the only one. Finally, based on the reports obtained from the interviews and their analysis, it can be stated that the university - both in its possibilities and its limits - provided elements that helped the constitution of the research participants as professionals. Among these elements stand out, in addition to access to specialized knowledge, the experimentation of times, spaces and educational interactions rich in meaningful learning for these subjects.

Keywords: Professional choice; Professional identity; Pedagogy; Early career; Training of education professionals.



Introdução

O curso de Pedagogia no Brasil foi criado por meio do Decreto-lei n. 1.190, de 4 de abril de 1939. Esse decreto, por sua vez, estabelecia que o curso deveria formar bacharéis e licenciados, por meio da fórmula conhecida como “3+1”. Tal fórmula determinava que a formação dos bacharéis teria duração de três anos e, após, mais um ano de didática, a fim de torná-los licenciados (Scheibe & Aguiar, 1999).

Dentre outras mudanças ocorridas com o passar dos anos, foi por meio da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996) que algumas reformas no campo de formação de professores foram efetuadas. Por exemplo, para atuar no campo da docência, a formação, desde então, passou a se dar especificamente em cursos de Pedagogia ou em nível de pós-graduação.

Apesar de tradicionalmente o curso de Pedagogia formar professores para atuação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o campo de atuação para seus egressos é mais amplo, pois envolve espaços não-formais de aprendizagem. Conforme legislação nacional em vigor - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura – há espaço para atuação do pedagogo em quaisquer espaços onde seja previsto conhecimentos pedagógicos:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (Brasil, 2006)

A formação inicial é requisito para atuar como pedagogo e possui muita importância por ser a base para a construção de saberes necessários à atuação profissional. É na formação inicial também que os acadêmicos (re)constituem-se como profissionais de uma área. No entanto, a constituição identitária profissional não se constrói apenas no espaço de formação inicial, mas ao longo de sua trajetória de vida e de profissão.

Autores como Dubar (1997), Pimenta (1997), Libâneo (2005), Bock, Furtado e Teixeira (2008), e Tardif e Lessard (2008) têm defendido que a identidade profissional do pedagogo (ou a identidade profissional docente) se constitui diariamente por meio



de vivências e interações do sujeito com a sociedade, a família, a igreja, a escola, a comunidade, etc. Todas as experiências vividas contribuem para a construção da identidade profissional. Tal identidade, como não se constitui de um dia para o outro, está em constante mudança, uma vez que estamos em aprendizagens constantes, participando de grupos sociais que possuem dinâmicas próprias e se modificam acompanhando a sociedade como um todo.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como egressas do curso de Pedagogia percebem o processo de constituição de suas identidades profissionais. Por meio de entrevistas com as participantes da pesquisa, buscamos identificar os motivos que as fizeram optar por essa profissão, averiguar que vivências e aprendizagens foram importantes para a constituição de suas identidades profissionais (incluindo a formação inicial, o contexto familiar, a formação na educação básica, dentre outras). Por fim, procuramos analisar os dados coletados verificando como as entrevistadas se veem enquanto pedagogas e constroem sua atuação profissional atual, relacionando essa visão e atuação ao processo de construção de suas identidades.

O Curso de Pedagogia: Campo de Atuação e Identidade Profissional

Nesta seção, discutimos, inicialmente, sobre o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia e, na sequência, sobre a constituição de sua identidade profissional. A seção subdivide-se em duas partes. Na primeira, utilizamos como referenciais Libâneo (2001; 2005; 2006; 2008) e Scheibe e Aguiar (1999). Na segunda parte, os autores de base são Bock, Furtado e Teixeira (2008), Dubar (1997), Libâneo (2005), Pimenta (1997), Quadros et al. (2005), Nóvoa (1992; 2001) e Tardif e Lessard (2008).

O curso de pedagogia e o campo de atuação do/a pedagogo/a

Pedagogia significa ciência da educação, ou seja, é uma área do conhecimento que estuda a teoria e as práticas educativas. Entende-se, então, que “[...] em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia” (Libâneo, 2001, p. 116). E, desta forma, Libâneo (2006, p. 15) afirma que “[...] todo profissional que lida com a formação de sujeitos, seja em instituições de ensino, seja em outro lugar, é um pedagogo”.



Analisando o contexto atual, verificamos que o campo de atuação do pedagogo é bastante amplo, porém as possibilidades que ele instaura são muitas vezes desconhecidas pelos discentes (em formação e até mesmo formados) de Pedagogia. Por esse motivo, a Pedagogia acaba sendo associada apenas à docência. O trabalho do pedagogo não é restrito à sala de aula/escola; o pedagogo pode fazer parte de diferentes espaços, como, por exemplo, ONG, hospitais, empresas, projetos sociais, entre outros, onde o pré-requisito para a atuação seja os conhecimentos pedagógicos (Libâneo, 2001).

Nesse sentido, é preciso “entender o curso de pedagogia desvinculado da formação de professores” (Scheibe & Aguiar, 1999, p. 236) para romper com estereótipos já predefinidos pela sociedade em que vivemos, a qual associa cursar Pedagogia apenas a ser professor. A formação de um pedagogo habilita o aluno para atuar em vários campos, não apenas nas escolas.

O que tem ocorrido é uma política de desvalorização do professor, prevalecendo as concepções que o consideram como um mero técnico reprodutor de conhecimentos, um monitor de programas pré-elaborados, um profissional desqualificado, colocando-se à mostra a ameaça de extinção do professor na forma atual. A realidade retrata uma carreira quase inexistente, com condições de trabalho aviltadas, pouca retribuição financeira e discutível reconhecimento social. (Brezezinski, 2002, apud Moraes; Silva, 2009, p. 7945-7946)

Assim, a docência é reconhecida e caracterizada como um trabalho árduo, porém desvalorizado (social e economicamente), o que é lamentável, pois é por meio da docência que há a possibilidade de mudanças e transformações sociais. “Ao mesmo tempo em que se fala da valorização da educação escolar [...], continuam vigorando salários baixos e um reduzido empenho na melhoria da qualidade da formação profissional dos professores” (Libâneo, 2008, p. 77).

Entretanto, mesmo diante desse cenário, existem pessoas que estão, no momento, em cursos de formação em Pedagogia e pretendem fazer parte desse contexto educacional. Ao se inserirem e participarem desse campo de graduação, todos os indivíduos passam por aprendizagens que contribuem para a sua formação e solidificam a construção da identidade profissional de cada um.

Essa desvalorização social do trabalho do pedagogo pode dificultar o processo de construção de suas identidades como futuros/as pedagogos/as. Isso porque “a identidade com a profissão diz respeito ao significado pessoal e social que a profissão



tem para a pessoa” (Libâneo, 2005, p. 77). Na seção seguinte discutimos de forma mais aprofundada sobre a identidade profissional do pedagogo.

Identidade profissional do pedagogo

Neste trabalho, focamos na identidade profissional dos pedagogos, entendendo-a como uma representação/definição do “eu” profissional, a qual está sendo vivida na atualidade pelos indivíduos. Essa identidade é construída dia a dia e se constitui a partir das vivências (sociais e individuais) de cada um de nós (Bock et al., 2008).

A identidade profissional é constituída a partir das relações estabelecidas pelo sujeito com a família, a sociedade, as diversas situações que são enfrentadas ao longo da vida, ações individuais ou grupais. Por isso, “a identidade é algo mutável, em permanente transformação” (Bock et al., 2008, p. 209). É por meio dessas vivências que o pedagogo constitui sua identidade profissional, levando em consideração seus valores, sua história de vida, seus saberes e angústias.

Nas palavras de Dubar (1997, p. 114), a identidade profissional está sempre em mudança, pois ela se “constitui não só como uma identidade no trabalho, mas também e sobretudo uma projecção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de emprego e o desencadear de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de formação”. Para ele, a identidade é o resultado de uma socialização que é construída com as vivências dos indivíduos. Deve ser compreendida na sua integralidade, pessoal e social.

Ainda, segundo Libâneo (2005, p. 81), “identidade profissional é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que definem e orientam a especificidade do trabalho de professor”. Toda característica própria e específica de cada professor constitui a sua identidade profissional, construída diariamente a partir de vivências na família, na sociedade, na escola, a partir de aprendizagens durante o exercício da profissão.

Todos que hoje são pedagogos já experienciaram, de uma forma ou de outra, algum contato ou relação com a escola, com professores; ouviram comentários realizados pela sociedade, amigos e mesmo colegas de trabalho sobre sua profissão; ou, ainda, se recordam de alguns acontecimentos que vivenciaram na escola e que



marcam a sua vida, aspectos positivos ou negativos (Pimenta, 1997; Tardif & Lessard, 2008).

Dessa forma, recorrendo à nossa memória e às nossas experiências escolares, ao nos reconhecermos como pedagogos, assumimos algumas posições que foram valorizadas ou até questionadas por nós próprios em tempos passados. É como se fosse um efeito “espelho”. Essas lembranças não desaparecem de nossas memórias; ao contrário, evidenciam alguns motivos que fazem com que tomemos determinadas atitudes (Quadros et al., 2005).

Segundo Nóvoa (1992, p. 16), a identidade do pedagogo “é um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. É no dia a dia da prática da profissão que os pedagogos se deparam com situações diferentes e imprecisas, para as quais precisam tomar uma atitude imediata, tanto em sala de aula quanto na direção e coordenação. Não apenas em escolas, mas em qualquer espaço em que esteja presente a prática educativa. A identidade profissional se relaciona com as experiências de vida dos indivíduos, com as trocas de conhecimentos entre os alunos e colegas de trabalho (Tardif & Lessard, 2008).

Para querer ser pedagogo, há motivos que podem ser elencados (com menor ou maior facilidade) quando solicitados que sejam expressos. Todos esses motivos contribuem para a constituição de nossa identidade e para definir como é/será a nossa prática profissional. Apenas querer ser pedagogo não é suficiente para exercer essa profissão: é necessário ingressar e concluir um curso superior de licenciatura em Pedagogia. Nesse sentido, a formação inicial é de grande importância, pois pode assumir um papel fundamental na construção da identidade do pedagogo, uma vez que “sua formação inicial visa a propiciar os conhecimentos, habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e de aprendizagem” (Libâneo, 2005, p. 75).

Ao longo da graduação, os estudos acerca da Pedagogia e do que é ser pedagogo são intensos e aprimorados, a fim de capacitar profissionais em educação habilitados para tal função, com postura crítica e preocupados com a sociedade. Afinal, os pedagogos são responsáveis pelos processos educativos. Nesse sentido, a graduação tem influência ou interferência no processo de construção da identidade desses profissionais, uma vez que o processo formativo é longo, envolvendo uma dimensão teórica, mas também a prática (a exemplo dos estágios curriculares supervisionados e da prática como componente curricular).



É necessário que se reflita acerca do profissional que se quer ser, para que sua formação seja condizente com a realidade social do momento e com o futuro, considerando-se que tal realidade está sempre em transformação. O profissional da educação precisa estar apto a lidar com mudanças e a construir conhecimentos que não estejam alheios a elas, pois a escola é parte da sociedade e a educação também é atingida pelos processos macrossociais que nesta ocorrem. Nessa perspectiva, cabe, então, a cada professor procurar conhecer sua realidade e buscar uma formação que o habilite a atuar de forma crítica no contexto sociocultural e histórico onde se insere.

A formação de pedagogos/as, por sua vez, deve ser sempre contínua; precisa se envolver com o processo educativo para além da escola, e se a formação acadêmica não for o suficiente para contemplar esses quesitos, deverá então procurar outros meios de formação.

Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. [...] e essa incerteza, muitas vezes, transforma o professor num profissional que vive numa situação amargurada, que vive numa situação difícil e complicada pela complexidade do seu trabalho, que é maior do que no passado. (Nóvoa, 2001, apud Burnier et al., 2001, p. 354)

Ademais, é preciso compreender que o ser humano está inserido em uma família, em uma comunidade, em uma sociedade, e que tudo isso vai constituindo sua identidade profissional. O pedagogo precisa estar ciente de que tipo de indivíduo quer formar e, a partir de então, construir o conhecimento com e para esses indivíduos.

Segundo Nóvoa (1992), a identidade profissional se constitui e compreende as experiências vivenciadas por nós em todas as esferas da vida. Por meio da interação do indivíduo com a sociedade, com a família, com amigos, com grupos de trabalhos e afins, é que a identidade vai ganhando forma e se constituindo. A identidade profissional se constrói por meio da interação entre a identidade social e pessoal de cada um de nós: “Identidade pessoal/identidade profissional: uma grande variedade de relações que se estabelecem” (Nóvoa, 1992, p. 139).

Nesse sentido, podemos afirmar que a identidade profissional docente se constitui em diversos espaços e tempos, sendo a formação inicial um importante momento de construção de saberes que serão base para sua atuação. Além disso, a própria prática docente também oferece elementos para constituição identitária, ao



corroborar alguns saberes, mas também ao permitir que o professor se reconstrua como profissional. Nesse sentido, apresentamos a metodologia de trabalho que nos permitiu compreender a constituição profissional de pedagogas egressas de um curso de Pedagogia de uma Instituição de Educação Superior (IES) pública.

Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois teve como propósito analisar, descrever e compreender um fenômeno social (Flick, 2009). É descritiva e analítica quanto aos objetivos, pois tem por característica inicialmente descrever o fenômeno e após analisá-lo – neste caso, descrever e analisar a escolha da profissão e o processo de constiuição da identidade profissional. Para atingir o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas com egressas do curso de Pedagogia de uma IES pública, federal. Optamos por realizar entrevistas semiestruturadas, ou seja, desenvolvemos um diálogo informal entre o pesquisador e pesquisado, utilizando um roteiro flexível de entrevista previamente construído para auxiliar e apoiar durante a entrevista (Boni & Quaresma, 2005).

Para a seleção dos participantes da pesquisa, elaboramos alguns critérios: profissionais egressos do curso de Pedagogia de uma IES em particular, tanto do sexo feminino quanto masculino, que aceitassem participar voluntariamente, tendo ciência dos objetivos da pesquisa. Buscamos também garantir certa diversidade de características, incluindo no estudo algumas pessoas que estivessem atuando profissionalmente em escolas e outras em contextos não-escolares; algumas que trabalhassem em escolas públicas e outras em particulares; com e sem inserção na pós-graduação. Além disso, foi um critério o fato de egressa residir ou trabalhar no município sede da universidade, a fim de facilitar a coleta de dados, e ter disponibilidade para conceder a entrevista no momento em que as pesquisadoras iniciassem a coleta de dados.

A IES escolhida para a pesquisa foi criada com o programa de expansão da educação superior, sendo, portanto, uma universidade criada recentemente. No momento da coleta das informações havia duas turmas formadas, as quais concluíram a graduação em 2014 e 2015, totalizando aproximadamente 64 egressas. Entramos em contato com uma amostra desse total para verificar quem se disponibilizaria a participar da pesquisa, adotando os critérios mencionados acima. Ao final do processo, cinco egressas foram entrevistadas.



As entrevistas foram gravadas, com prévia autorização de cada entrevistada, de forma a facilitar o processo de entrevista e sua análise. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas para que posteriormente ocorresse a análise de conteúdo. A análise das entrevistas foi realizada respeitando ao máximo a legitimidade das informações.

Segundo Bardin (2010, p. 40), “a análise de conteúdo, aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. As entrevistas foram analisadas por meio de *análises temáticas*, pelos critérios estabelecidos por Bardin (2010). Inicialmente, realizou-se uma pré-análise; em seguida, a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados obtidos.

A pré-análise foi desenvolvida por meio de uma leitura flutuante das entrevistas. Após, o material foi organizado e decidiu-se como seriam analisadas. A exploração do material ocorreu mediante um quadro de análise. Inicialmente, as transcrições foram passadas para esse quadro e, posteriormente, foram sublinhadas frases como unidade de registros, para se pensar as categorias. O tratamento dos resultados obtidos nas entrevistas constituiu-se na ampla interpretação das respostas por meio da codificação, da categorização e da inferência (Bardin, 2010).

A codificação das respostas foi realizada mediante a escolha de frases como unidades de registros, que melhor definiram as respostas; em seguida, as respostas que se repetiram para mais de uma entrevistada foram selecionadas, a fim de construir a escolha das categorias.

A categorização elaborada para essa pesquisa foi realizada por meio do agrupamento das perguntas que orientavam a entrevista, por semelhança de assunto, primando por um único princípio de classificação (por exemplo, categorias referentes aos motivos, caracterização de suas identidades profissionais, curso de graduação, etc.) (Bardin, 2010).

Por fim, cabe destacar que o processo de construção de inferências sobre os dados, realizado a partir da leitura atenta dos depoimentos das participantes, foi alimentado por interpretações que produzimos com base no referencial teórico adotado e na análise crítico-reflexiva da realidade estudada, mas também pela articulação constante com a literatura revisada. Assim, procedemos buscando relacionar os achados obtidos na nossa pesquisa com análises do mesmo tema já realizadas por outros pesquisadores, de modo a produzir avanços no debate acerca



da forma como pedagogos percebem a construção da identidade profissional no início da carreira.

Na seção seguinte, apresentamos os resultados construídos a partir das narrativas das egressas do curso de Pedagogia.

O perfil das participantes e sua constituição identitária

Nesta seção discutimos sobre a construção da identidade profissional das pedagogas egressas de um curso de Pedagogia, recém-formadas. Antes disso, apresentamos o perfil das entrevistadas, de modo a conhecer suas características.

O perfil das participantes da pesquisa

As cinco protagonistas da presente pesquisa são todas do sexo feminino; finalizaram o curso de Pedagogia – Licenciatura Plena na mesma instituição de educação superior. Duas delas concluíram o curso em 2014 e três delas em 2015. Antes de cursar a educação superior, duas delas haviam finalizado o curso de Magistério e nenhuma delas têm outro curso de graduação. Atualmente, duas das entrevistadas cursam pós-graduação: uma é aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação e a outra é aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

A idade média das entrevistadas é de 29 anos, variando de 23 a 40 anos de idade. A maior parte delas vive atualmente na cidade em que nasceu. O estado civil delas também é variado – duas são solteiras, outras duas são casadas, e uma vive em união estável no momento.

A renda média familiar predominante entre as participantes varia entre 3 a 6 salários mínimos. Já em relação à escolaridade dos pais (10 pais), constatamos que o que prevalece é o Ensino Fundamental incompleto (03) e o Ensino Médio completo (03). Apenas dois dos pais chegaram a cursar o ensino superior, e desses, um concluiu. Cabe aqui ressaltar que suas filhas conseguiram atingir um nível de escolaridade igual – no caso do familiar que possui Ensino Superior incompleto – ou maior que a de seus pais – no caso do Ensino Superior completo.

Antes de cursar Pedagogia, tiveram experiência profissional, mas nenhuma delas como docente; trabalharam em setores diversos da economia. No momento da coleta dessas informações, suas ocupações de trabalho eram:



1. Heloisa¹: Professora de Educação Infantil (Rede Municipal, 20h) e Professora de Anos Iniciais (Rede Estadual, 20h);
2. Adriana: Professora de Anos Iniciais (Rede Particular, 20h) e Professora de aulas particulares (20h);
3. Fátima: Professora de Educação Infantil (Rede Particular, 40h);
4. Caroline: Professora de Educação Infantil (Rede Municipal, 20h);
5. Sofia: Assessora de Relações Institucionais Gestão de convênios entre as comunidades e o poder executivo, elaboração de projetos e controle dos recursos públicos destinados aos convênios (40h).

Com perfil diverso, percebe-se que algumas delas atuam como docentes em escolas públicas e particulares da cidade; outras, além de professoras, são também mestrandas. Somente uma das entrevistadas não atua no campo educacional no momento. Quatro delas trabalham 40 horas semanais como professoras (na Educação Infantil e no Ensino Fundamental), incluindo a que não atua no campo educacional, e apenas uma delas trabalha 20 horas semanais como professora.

Eu pedagoga: como é o meu trabalho atual, como me vejo enquanto profissional, por que atuo como atuo

Durante as entrevistas, pudemos perceber que o ser “profissional” das participantes foi sendo construído durante toda a vida e muitas coisas tiveram influência nessa construção. Dentre os fatores que interferiram para essa constituição, destacam suas experiências na educação básica, na formação inicial, os aprendizados na família, com amigos, na igreja, na sociedade de maneira geral, entre outros.

Heloisa, no momento, atua na rede municipal e estadual de ensino. Segundo ela, na sua prática, busca sempre repensar o planejamento, a fim de que ele se adapte ao que a escola espera dela e ao que os alunos realmente têm interesse em conhecer, mesmo sendo professora de 1/3 no município, fator que dificulta a realização de algumas práticas.

Sente-se privilegiada por estar onde está hoje (concurada 40 horas), uma vez que citou o caso de colegas que precisavam concluir a Pedagogia para só depois poder dar início à carreira profissional. Ela ainda acrescenta que, para se tornar essa

¹ Os nomes das participantes são fictícios.



profissional que é hoje, suas vivências com a religião, no magistério e na universidade foram de extrema importância.

Quando eu entrei no magistério, eu entrei bem assim, tábula rasa quase. [...] Então a faculdade que foi quem realmente me modificou, não só na questão profissional, mas eu enquanto ser humano. [...] Quando eu ia na igreja, eu comecei a questionar muitas coisas que eram faladas lá, e ali que eu percebi a mudança mesmo em mim. (Heloisa)

Adriana trabalha pelo turno da manhã com aulas particulares e, à tarde, atua em uma escola particular, com crianças do Ensino Fundamental. Ela aponta como muito positiva a atitude da escola perante o grupo de professores. Segundo seu relato, a escola estabelece uma relação de confiança com os professores ao possibilitar que tanto estes permaneçam atuando na escola – mesmo com mais idade, inclusive algumas já aposentadas – e proporcionando igualmente o ingresso de quem há pouco se formou e está procurando emprego na área. Sobre a equipe diretiva, a entrevistada citou que sente falta de uma organização diferenciada e de uma administração distinta.

A entrevistada destaca que as suas particularidades pessoais foram introduzidas pela família, assim como as suas vivências na universidade foram extremamente relevantes para sua construção profissional. Ressalta que, ao longo do curso, o contato com alguns professores a influenciaram em ser como ela é hoje.

Olha eu vi muita coisa aqui [na universidade] (...) imagina, são cinco anos, dez semestres, tu sabe bem como que é. Então nesses 10 semestres tu convive tanto com professor os que tu nunca mais quer ver na vida, e professores que tu pensa, poxa, se eu for um pouquinho do jeito que ele é! (Adriana)

A própria entrevistada faz referência à sua trajetória de vida como ponto importante e influente para a sua atuação, ao afirmar: “por isso que eu peço tanto pras crianças serem autônomas hoje, eu acho que eu sentia que eu não era assim quando eu era pequena, porque a família não me dava abertura” (Adriana).

Fátima, atualmente, trabalha exclusivamente em uma escola particular como professora da Educação Infantil. Todos os meses os professores se reúnem para debater o planejamento geral e, depois, durante os próximos dias, investigam sobre o tema, e as professoras das turmas se encontram para decidirem o que cada professora vai pôr em prática.



A entrevistada afirma nunca ter se imaginado atuando como professora, muito menos em uma escola tão conceituada na cidade. Isso devido à grande procura dos Pedagogos para trabalhar nela, por sua proposta pedagógica ser diferenciada das demais creches e/ou escolas de Educação Infantil. Para ela se tornar a profissional que é hoje, destaca as suas vivências na universidade, tanto em contato com os professores quanto entre colegas. Conseguia estabelecer uma relação entre o que estava sendo estudado durante as aulas e com o que se deparava em seu ambiente de trabalho. As aprendizagens que construiu no decorrer da formação universitária foram essenciais para ela se constituir enquanto profissional. Em suas palavras:

Se eu tivesse que fazer de novo, eu faria tudo de novo, eu gostei muito, aprendi muito. As aulas do professor [nome do professor] são inesquecíveis, tu não esquece mais, sabe. [...] E o que eu achava mais legal, no momento em que ele estava dando essas aulas pra nós, eu estava ainda trabalhando na outra escola, então eu via muita coisa que não podia estar acontecendo e acontecia. [...] Acho que o contato entre as colegas também entra nessa vivência que a gente trocava bastante informações, [...] a gente aprende com esse contato. (Fátima)

Caroline atualmente atua 20 horas em uma escola municipal como “professora interventora”, ou seja, uma professora que atua em mais de uma turma da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental durante a semana, atuando em sala de aula nos períodos de planejamento dos professores regentes.

Foi motivada a ser a profissional que é hoje pelas experiências que foi tendo ao longo da vida, com sua mãe, que também era professora, com seus vínculos empregatícios e com o contato que tinha com crianças da família e amigos. Além da família, a formação inicial também foi importante para que ela se constituísse enquanto profissional, pois foi na universidade que teve contato com professores, colegas e projetos de iniciação à docência que foram relevantes para ela se tornar a profissional que é hoje. Segundo as palavras da própria entrevistada, “foi a leitura, meus pais, e meus professores, especialmente os da faculdade, que foi um divisor de águas. Até eu entrar na faculdade foi uma coisa, quando eu entrei na faculdade foi outra coisa” (Caroline).

As quatro entrevistadas cujas experiências profissionais foram descritas até aqui (Heloisa, Adriana, Fátima e Caroline) atuam no espaço escolar como professoras. Entretanto, o relato sobre o qual nos deteremos a seguir foge dessa caracterização, pois o campo de atuação dessa pedagoga é fora do espaço escolar. Sofia atualmente



trabalha em uma prefeitura municipal, na Secretaria de Planejamento, no setor do Orçamento Participativo, 40 horas por semana. Atua especificamente como administradora de algumas contas, na área de cultura, e das verbas que são destinadas às escolas. Como se trata da Secretaria de Planejamento, a entrevistada também realiza debates em torno de alguns projetos, quando necessário. Atua ainda, de maneira informal, nos bairros do município, realizando trabalhos voluntários com uma associação de recicladores. Além da Secretaria, outro vínculo ativo que possui no momento é com a Associação de Imigrantes, tendo participado de sua construção. Hoje faz parte da equipe diretiva.

Sofia destaca, entre suas características profissionais, o fato de que, mesmo sendo insegura em relação às suas decisões, procura sempre enfrentá-las com determinação, mas sem prejudicar o meio em que está inserida. O que procura realizar, ou o que lhe é imposto como desafio, Sofia procura superar e cumprir, mesmo que para isso precise se desafiar.

Em suas falas, também destaca que, além de suas características próprias (a determinação, o querer se superar), a família também exerceu uma forte influência para a construção de seus princípios. Suas convivências na igreja, nas empresas onde trabalhou, fizeram com que ela, desde cedo, assumisse desafios de liderança, os quais contribuíram para que ela fosse se constituindo enquanto ser humano determinado. “A relação com a minha família é muito determinante. [...] A minha constituição dentro da igreja, cresci lá dentro, vivendo aquilo, me formando enquanto liderança lá dentro. [...] A determinação é muito minha de ir me superando” (Sofia).

Em relação à atuação profissional atual das entrevistadas, notamos que quatro delas estão inseridas em espaços escolares e, dessas, duas estão atuando na área há pouco tempo (depois de formadas). Em relação a estas que estão no momento inicial da profissão de pedagogo, podemos perceber em seus relatos que estão encontrando algumas dificuldades na hora de colocar em prática o que aprenderam durante a graduação: falta de estrutura das escolas, limitando assim os espaços de atuação; pouco tempo com cada turma, devido à divisão dos períodos; falta de participação das famílias; medo da reprovação dos pais, dos colegas de trabalho e da gestão da escola em tentar propor algo novo; entre outros.

Segundo Cavaco (1999), logo ao ingressarmos no mercado de trabalho, é comum nos depararmos com algumas dificuldades. Podemos ter dificuldade em colocar em prática o que aprendemos durante a faculdade, ou ter receio de tomar



algumas atitudes perante as situações do dia a dia, e/ou também é comum nos sentirmos inseguros da nossa própria prática. Pensando nisso, Cavaco (1999, p. 162) afirma que “aprende-se com as práticas do trabalho, interagindo com os outros, enfrentando situações, resolvendo problemas, reflectindo as dificuldades e os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder”. A autora ainda acrescenta que “nas escolas os sistemas de distribuição dos trabalhos contribuem para acentuar as suas dificuldades”, ou seja, aos professores novatos são destinadas as turmas que são consideradas mais agitadas e mais complicadas para se trabalhar, as turmas de alfabetização, diferentes períodos. As ideias e opiniões destes são muitas vezes desconsiderados (Cavaco, 1999).

Essas dificuldades encontradas logo no início da carreira acabam, muitas vezes, desestimulando os jovens e fazendo com que eles reproduzam modelos tradicionais de educação, geralmente representando o que vivenciaram em sua trajetória escolar (Cavaco, 1999).

Outra dificuldade apontada pela autora é a sequência: “mal-estar profissional/frustração/desânimo/descrência/cepticismo/fechamento a mudança e às possibilidades de inovação pode tornar-se um círculo vicioso a justificar a alienação e um progressivo desinvestimento” (Cavaco, 1999, p. 168). O professor novato por vezes poderá, ao ser desestimulado e contrariado, deixar de tentar o diferente, caindo, assim, no modelo tradicional de educação, acompanhando o restante dos professores.

Reafirmando essa concepção, Oliveira (2004, p. 3) constata sobre os primeiros anos da profissão:

O período inicial da carreira, embora correspondendo a uma fase de intensa aprendizagem, em que os professores desenvolvem novos conhecimentos em várias áreas, procedimentos e rotinas, ou seja, aprendem a ensinar, é também um período de forte reflexão sobre a sua identidade profissional e pessoal. Nessa fase, os jovens professores precisam provar a si mesmos e aos outros – colegas, alunos, encarregados de educação e funcionários da escola – que são capazes de desenvolver as práticas características da profissão.

Em relação à única entrevistada que no momento não atua em espaços escolares, também constatamos que ela encontra dificuldades em desenvolver suas atividades. Destacando ainda que a sua formação inicial deixou muito a desejar nesse campo de atuação (pedagogia em espaços não escolares), procurou mais



conhecimentos fora da universidade. Nas palavras da entrevistada, “toda a preparação que eu tive, eu costumo dizer que foi mais fora da universidade do que dentro” (Sofia).

Resgatando da memória vivências que fazem com que as profissionais atuem de tal maneira, encontramos em Tardif e Raymond (2000, p. 216) que,

Ao evocar qualidades desejáveis ou indesejáveis que quer encarnar ou evitar como professor, ele lembrar-se-á da personalidade marcante de uma professora do quinto ano, de uma injustiça pessoal vivida na pré-escola ou das intermináveis equações impostas pelo professor de Química no fim do segundo grau. A temporalidade estruturou, portanto, a memorização de experiências educativas marcantes para a construção do Eu profissional.

Considerando essa afirmação, reiteramos que todas as situações vivenciadas ao longo da vida, nos mais diversos contextos, contribuem para que a identidade profissional seja constituída. Incluímos aqui, igualmente, as mais diversas experiências vividas na família, nos grupos, na igreja, etc.

Sendo assim, e conforme indicam os relatos, percebemos que são muitos os fatores que influenciam a identidade profissional das entrevistadas: a formação inicial como a grande motivadora de suas práticas, seja por meio do contato com professores da universidade (os quais, a partir de seus ensinamentos, as motivaram), a troca de experiências com as colegas e/ou a superação de suas expectativas em relação ao próprio curso (conteúdos, disciplinas, senso crítico), a influência de valores assimilados do meio familiar e de outros contextos (como a igreja, por exemplo).

Nóvoa (1995, p. 82) reconhece que há muitos fatores que influenciam a maneira de ser, sentir, pensar e atuar dos professores ao longo de sua trajetória profissional. Ele destaca como fatores “seus diferentes contextos biológicos e experienciais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam”.

Acrescentamos, ainda, que muitos dos nossos saberes são provenientes de outros contextos, como constatado nas entrevistas, e eles, por sua vez, influem significativamente nas posturas que adquirimos perante as situações.

Esses “saberes” (esquemas, regras, hábitos, procedimentos, tipos, categorias etc.) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas



etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social. (Tardif & Raymond, 2000, p. 218)

Corroborando esses autores, porém focando mais na família, Soares (2008, p. 108) revela que as pessoas,

[...] ao serem educadas e socializadas no seio familiar, incorporam, por meio desse processo, uma série de influências profundas e marcantes na sua maneira de falar, de ser e de conduzir a vida, como crenças, valores, hábitos, atitudes, conceitos e culturas, que são determinantes no processo de escolha da profissão e, conseqüentemente, na construção da identidade profissional.

Os agentes da presente pesquisa levam todas essas concepções em consideração para construir sua prática: a busca pelo fazer diferente; didáticas e metodologias diferenciadas do modelo tradicional da educação; respeitar o que o aluno quer e precisa aprender, partindo do que ele já sabe; e, por fim, os trabalhos em grupos. Estes aspectos são, da mesma forma, identificados na pesquisa de Soares (2008, p. 186), na qual também é percebido “que esses profissionais estão rompendo com o estilo identitário fragmentado, isolado, para se lançarem no movimento de busca e incorporação de uma nova identidade configurada pelas relações interpessoais, grupais”.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que forma egressas do curso de Pedagogia percebem o processo de constituição de suas identidades profissionais. A partir da pesquisa foi possível compreendermos que a identidade profissional de cada um de nós é resultado de todas as vivências pelas quais passamos ao longo da vida, tanto na esfera particular quanto social. Esse processo de construção de nossas identidades é marcado pelas experiências e aprendizagens que fomos tendo nas diversas interações vividas na relação com o outro social. Ao mesmo tempo, a identidade pessoal e profissional de cada um de nós é única e apresenta as marcas de nossa história particular, dos valores, conhecimentos, crenças e atitudes que sustentamos face ao mundo.

Nesse sentido, ainda que o percurso formativo vivido na universidade, e a partir dela, tenha importância central para a construção da identidade profissional de um pedagogo, a esse percurso somam-se aprendizagens provindas de outros contextos e



vivências, formando uma rede de influências que, em seu conjunto, contribuirá para modelar que tipo de profissional as pessoas que escolhem cursar pedagogia serão ou buscarão se tornar. Tendo em vista isso, fica evidenciada a importância de a universidade constituir-se em um espaço de formação que oportunize aos licenciandos a reflexão sobre essas diferentes aprendizagens e influências, bem como seu peso na composição do *ser* pedagogo, de modo que elas possam ser integradas de forma consciente e orgânica a outros saberes aos quais os licenciandos passam a ter acesso na própria universidade.

Esse movimento pode ser feito através da criação de momentos de reflexão e diálogo, no contexto das disciplinas, estágios supervisionados e demais atividades curriculares e extracurriculares que integram a formação inicial dos pedagogos, possibilitando aos estudantes problematizarem as raízes de suas escolhas e motivações profissionais, no passado e no presente, bem como a forma como essas escolhas podem estar conectadas a um processo de formação mais abrangente, que vai além do acesso a saberes especializados.

Constatamos que os principais motivos que fizeram com que as pedagogas que participaram da pesquisa aqui descrita escolhessem cursar pedagogia foram: o incentivo da própria família, o fato de possuir um bom relacionamento com crianças e gostar dessa convivência, a possibilidade de ingressar numa Universidade Federal (a qual se localiza no mesmo município das egressas, também disponibiliza os cursos gratuitamente e no turno da noite, além de conceder auxílios econômicos para os estudantes que possuem renda mais baixa), além do interesse por atuar na área da educação (gostar de ensinar, transmitir conhecimento). Apesar de terem sido citados outros motivos, esses foram os que mais se repetiram no discurso das entrevistadas.

O modo como as entrevistadas atuam e como elas se veem enquanto profissionais, ou seja, a caracterização de suas identidades profissionais, teve sua origem nas mais diversas relações. Elas enxergam a educação básica, a formação inicial, as experiências profissionais, as vivências na família, na sociedade, nos diferentes grupos, entre outros, como contributos essenciais para a definição desses processos. Suas atuações como pedagogas são baseadas nas aprendizagens que tiveram nesses contextos e situações anteriormente referidos, assim como durante a graduação. O contato com diferentes professores e suas didáticas, a relação com os/as colegas de aula, as experiências vividas em estágios, projetos e outras atividades na universidade também foram identificadas como essenciais.



Salientamos a relevância que a formação inicial possui para a construção da identidade profissional, uma vez que ela é responsável por introduzir os primeiros elementos essenciais da profissão. A universidade, responsável por essa formação, contribuiu com a sua riqueza de relações e experiências que só podem ser estabelecidas por meio dela. Para as entrevistadas, o curso poderia melhor discutir outras áreas de atuação que não a escola, como, por exemplo, em relação à pedagogia empresarial, hospitalar etc., assim como oferecer experiências formativas mais diversificadas. Isso porque, na concepção dessas pedagogas, a universidade é, ou deveria ser, um espaço de ampliação de horizontes, tanto no plano profissional quanto no que se refere à constituição dos estudantes como pessoas e cidadãos.

Fica evidente que a construção da identidade profissional dos pedagogos ocorre ao longo dos anos e tem alterações em função da época e do espaço social em que os indivíduos estão inseridos, bem como as experiências que vão vivenciando ao longo de sua profissão. Por isso, esse processo identitário é inacabado, está sempre em transformação.

Dessa maneira, este estudo pode trazer contribuições para os futuros estudantes que buscam refletir sobre aspectos que constituem a identidade profissional dos pedagogos, assim como fornecer referências importantes para que os professores que atuam no ensino superior, formando esses profissionais, possam empreender discussões sobre esse assunto com seus alunos. Poderá auxiliar, ainda, outros pesquisadores que venham a produzir seus estudos na área de atuação dos pedagogos, uma vez que, no decorrer da nossa pesquisa, elencamos os motivos que fizeram com que algumas pessoas optassem por cursar Pedagogia e, a partir da escolha, como veem a sua atuação nessa área.

Os estudos na área de formação de professores revelam-se importantes também por poderem contribuir para a melhoria das escolas. Os resultados das pesquisas realizadas com objetivos educacionais podem ser utilizados como meio para se repensar o contexto escolar e buscar analisar, criar e discutir estratégias para a sua melhoria, mostrando possibilidades e desafios relacionados ao processo de valorização profissional em um contexto educativo (Formosinho, 2002).

Compreendemos, assim, a partir desta pesquisa, que todas as experiências vivenciadas pelas pessoas acabam, de alguma forma, interferindo no seu modo de ser e agir. Tanto o contato com os professores, a família, os amigos, os grupos dos quais participam, experiências profissionais que não necessariamente são no ramo



educacional, entre outros, aos poucos vão construindo a identidade profissional dos sujeitos. As aprendizagens associadas a essas experiências podem ocorrer de modo espontâneo e não planejado, ou terem sido produzidas como resultado de processos movidos por uma intencionalidade educativa. Independentemente das diferenças entre essas situações, é importante que os pedagogos possam ter a chance de produzir reflexões sobre suas aprendizagens como parte da formação recebida no contexto universitário, contando com subsídios para realizarem suas escolhas e ações profissionais de modo cada vez mais consciente no futuro. O que pode gerar benefícios para o exercício de sua profissionalidade e, conseqüentemente, para a sociedade como um todo.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70.
- Bock, A. M., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2008). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80.
- Brasil (1996). Ministério da Educação. Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília/DF, 23 dez.
- Brasil (2017). Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP 01, de 15 de maio de 2006* - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf.
- Burnier, S. et al. (2007). Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação* -Rio de Janeiro, 12(35), 343-358.
- Cavaco, M. H. (1999). Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In A. Nóvoa (Org.), *Profissão professor* (2.ª ed.) (pp. 155-1921). Porto: Porto Editora.
- Dubar, C. (1997). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Libâneo, J.C. (2001). *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente* (5.ª ed.). Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez.



- Libâneo. J. C. (2006). Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. *Educação & Sociedade*, 27(96), 843-876.
- Libâneo. J. C., & Pimenta, S. G. (1999). Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. *Educação & Sociedade*, 20(68), 239-277.
- Moraes, V. M., & Silva, M. R. (2009). *Reflexões sobre a relação: formação de professores e identidade profissional*. Curitiba: PUCPR.
- Nóvoa, A. (1995). Formação de Professores e profissão docente. In A. Nóvoa (Org.), *Os professores e a sua formação* (p. 13-33.). Lisboa: Nova Enciclopédia.
- Oliveira, H. (2004). Percursos de identidade do professor de Matemática em início de carreira: o contributo da formação inicial. *Quadrante*, 13(1), 115-145.
- Pimenta, S. G. (1997). Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. *Nuances*, 3(1), 5-14.
- Pimenta, S. G. (1997). *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática* (3.ª ed.). São Paulo: Cortez
- Quadros, A. H. de et al. (2005). Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 7(1), 4-11.
- Scheibe, L., & Aguiar, M. A. (1999). Formação de Profissionais da Educação no Brasil: o Curso de Pedagogia em Questão. *Revista Educação & Sociedade*, 20(68), 220-238.
- Soares, R. M. F. (2008). *A Construção da Identidade Profissional do pedagogo atuante nas Escolas da Rede Pública Estadual de Teresina-PI: 1980 a 2006*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.
- Tardif, M., & Lessard, C. (Org.) (2008). *O ofício do professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Petrópolis: Vozes.
- Tardif, M., & Raymond, D. (2000). Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, 21(73), 209-244.